



Saldos de ingerência

Ao arrepio do senso comum, uma máxima paradoxal e lacônica que se aplica à gestão das Instituições de Ensino Superior (IES) torna evidente que cada centímo poupado é um centímo perdido.

Os excedentes orçamentais e os generosos saldos de gerência das IES, de que nos fala Gonçalo Leite Velho no nº 59 da *Ensino Superior – Revista do SNESup*, são hoje o principal fator de subfinanciamento do ensino superior.

Sempre atentas, ao longo dos anos, as Finanças foram cortando nos orçamentos de cada vez que as IES manifestavam capacidade de poupança. E sempre, como é o caso atual, que o Ministro e o ministério do ensino superior não tinham peso nem relevância política essa decisão das Finanças apresentou-se sob a capa de uma insuspeita e inconteste sensatez.

De que vale os reitores gritarem que não têm dinheiro num quadro de geração de generosos excedentes orçamentais e de saldos de gerência? Sabe o povo e sabem os Ministros das Finanças que quando não se tem realmente dinheiro é impossível poupar. Sabemos todos, sobretudo depois da tragédia dos resgates dos bancos, que quem poupa se arrisca a ser roubado por aqueles que controlam as poupanças. Mas também sabemos bem que haverá sempre alguém que paga a conta.

Os saldos e os excedentes orçamentais legitimam a ingerência das Finanças nas IES. Uma ingerência que se traduz na progressiva demissão do Estado. E o que se perde com essa ingerência não é apenas dinheiro. Perde-se algo muito mais importante. As poupanças têm sido feitas à custa do congelamento de concursos. Quer de concursos que garantam que as IES alcancem o patamar legal de 50% dos docentes nas categorias de catedrático e associado. Quer de concursos que permitam a entrada de professores auxiliares de

carreira contribuindo para rejuvenescer o corpo docente e para sustentar um ensino qualificado. As poupanças têm sido também feitas à custa da precarização das profissões docentes e científicas. Na infografia presente neste número da revista revelamos indicadores que contextualizam as poupanças e os seus custos.

As universidades que mais poupam, e que poupam sobretudo com os seus recursos humanos, conseguem até contratar mais pessoas que aquelas que saem em cada ano, assegurando taxas positivas de cobertura. O custo do milagre gestor é, no curto prazo, a precarização do emprego. E, no longo prazo, a destruição de massa crítica e de capacidade de captação de financiamento competitivo.

No poupar é que estão as perdas. As que já se veem e as que ainda vão causar grandes danos. A culpa dessas perdas é tanto de quem poupa a qualquer preço quanto daqueles que se aproveitam oportunisticamente dessas poupanças para fazer mais cortes.

Manuel Pereira dos Santos questiona neste número da *Ensino Superior* os fundamentos das universidades fundação. Rafael Mocarzel aborda a missão das universidades no domínio da formação de mestres e doutores. Hermes Costa retrata uma experiência de simulação sobre o futuro do trabalho. Paulo Ferreira da Cunha alerta-nos para a necessidade de plantar jacarandás no nosso inferno. Damos ainda conta de uma intervenção de José de Faria e Costa, na sua qualidade de Provedor de Justiça, relativa ao combate à precarização do emprego docente.

Desejamos **Boas Festas e um Feliz 2018**, esperando os contributos dos leitores para os próximos números.



PAULO PEIXOTO

PAULO.PEIXOTO@SNESUP.PT